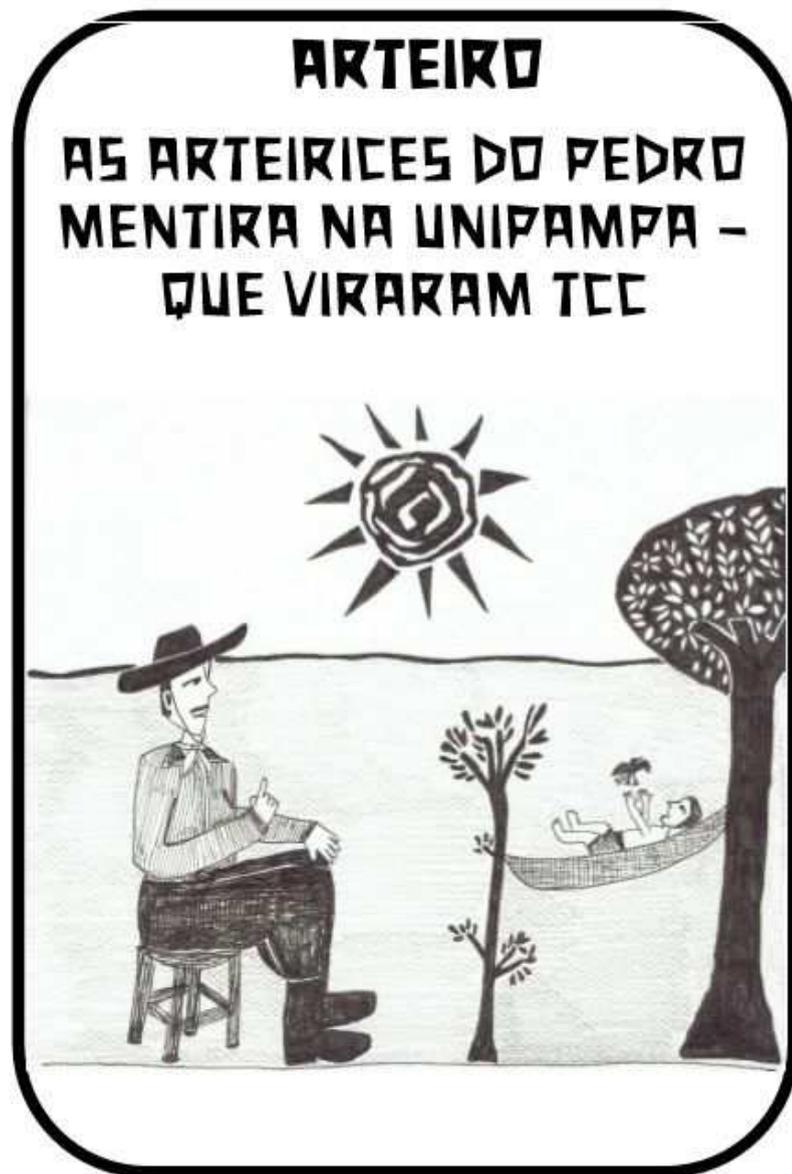


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

SILVIO NUNES

O GÊNERO CORDEL NO RECONTAR DOS CAUSOS DO MEU AVÔ

OU



Jaguarão  
2017

**SILVIO NUNES**

**O GÊNERO CORDEL NO RECONTAR DOS CAUSOS DO MEU AVÔ  
OU  
AS ARTEIRICES DO PEDRO MENTIRA NA UNIPAMPA - QUE  
VIRARAM TCC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do diploma de Licenciado em Letras – Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Geice Peres Nunes

**Jaguarão  
2017**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos  
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

N972g Nunes, Silvio

O Gênero Cordel no recontar dos causos do meu avô ou As  
Arteirices do Pedro Mentira na Unipampa - Que viraram TCC /  
Silvio Nunes.

47 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, LETRAS - HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/ESPANHOL E  
RESPECTIVAS LITERATURAS, 2017.

"Orientação: Geice Peres Nunes".

1. Literatura. 2. Cordel. 3. Personagem. I. Título.

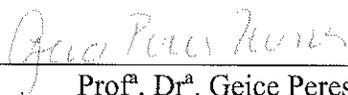
**SILVIO NUNES**

**O GÊNERO CORDEL NO RECONTAR DOS CAUSOS DO MEU AVÔ  
OU  
AS ARTEIRICES DO PEDRO MENTIRA NA UNIPAMPA - QUE  
VIRARAM TCC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Letras da Universidade Federal do  
Pampa, como requisito parcial para obtenção  
do diploma de Licenciado em Letras –  
Português/Espanhol e Respectivas Literaturas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 8 de dezembro de 2017.

Banca Examinadora:



---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Geice Peres Nunes  
Orientadora  
Letras – UNIPAMPA



---

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Maria Elia Gonçalves Martins  
Instituto Estadual de Educação Espírito Santo - Jaguarão/RS



---

Prof<sup>ª</sup>. M<sup>ª</sup>. Talita dos Santos Gonçalves  
Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Ao meu avô, o eterno Pedro Mentira. (*In memoriam*)

## AGRADECIMENTO

Agradeço, primeiramente, ao meu avô – Pedro Lourenço Nunes – pelo grande talento que foi. À minha esposa, Elida Regina Nobre Rodrigues, por enxergar junto comigo um mundo colorido que só os loucos veem.

À minha orientadora e amiga – Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Geice Peres Nunes – por me apresentar o Cordel, o Ariano Suassuna, e me trazer pro chão, sem ela eu não conseguiria escrever esse TCC.

À Prof<sup>a</sup> Ma. Maria Élia Gonçalves Martins, por acreditar na utopia do Pedro.

À Prof<sup>a</sup> Ma. Talita dos Santos Gonçalves, por não me deixar desistir da graduação com sua palavra forte e amiga.

À Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Leonor Simioni, por ser a revisora dos meus textos, amiga e parceria de “pitacos”. A todos os professores que de alguma forma contribuíram para meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos meus colegas de curso que tiveram a devida paciência comigo, especialmente a Samantha Cuello Muniz e a Paola Ramires.

## RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo analisar o registro e recriação dos causos do meu avô, Pedro Nunes, a partir do gênero cordel. Nele tentaremos dar conta de explicar como esse tipo de estrutura poética se adequou de forma apropriada à reprodução das narrativas do Pedro; apresentar um estudo das características históricas, estéticas e estruturais do gênero cordel; e também, propor uma aproximação entre o personagem Pedro Mentira e o personagem Chicó da obra *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Palavras-Chave: Cordel. Personagem. Pedro Mentira.

## RESUMEN

Este trabajo tiene como objeto de estudio analizar el registro y recreación de los causos de mi abuelo, Pedro Nunes, a partir del género cordel. En él intentaremos dar cuenta de explicar cómo ese tipo de estructura poética se adecuó de forma apropiada a la reproducción de las narrativas de Pedro; presentar un estudio de las características históricas, estéticas y estructurales del género cordel; y proponer una aproximación entre el personaje Pedro Mentira y el personaje Chicó de la obra *Auto de la Compadecida*, de Ariano Suassuna.

Palabras Clave: Cordel. Personaje. Pedro Mentira.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa do cordel: <i>As arteirices do Pedro Mentira na Unipampa - Que viraram TCC</i> .....	11
Figura 2 - Reprodução do <i>banner</i> utilizado nas apresentações do Cordel Gaúcho ....	28
Figura 3 - Capas dos cordéis (parte 1) .....	30
Figura 4 - Capas dos cordéis (parte 2) .....	31

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 O GÊNERO CORDEL ENLAÇADO AOS CAUSOS DO PEDRO MENTIRA .....</b>	<b>18</b>
1.1 Descoberta do Cordel .....	18
1.2 Meu Cordel estruturar .....	22
1.3 Tem as capas dos folhetos .....	24
<b>2 O PEDRO MENTIRA NO CORDEL .....</b>	<b>32</b>
2.1 Ele sabia contar .....	34
2.2 Tinha que ter sido assim .....	38
2.3 Só fazia imaginar .....	41
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>46</b>

## INTRODUÇÃO

Certa vez... Era dessa forma que meu avô, ou quem sabe, o personagem Pedro Mentira, começava a contar os seus causos.

Portanto, “certa vez”, resolvi fazer desse homem/personagem o *corpus* do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Contar, em forma de trabalho acadêmico, como a escolha do gênero cordel foi importante para evidenciar o grande talento do meu avô no processo de contar suas “mentiras”.

Como o narrar dos seus causos era realizado em 1ª pessoa (singular/plural), resolvemos reproduzir, no texto deste trabalho, este mesmo formato. Outra questão, é que, além de ter seu talento de narrador reconhecido na comunidade, o Pedro era meu avô paterno, e portanto, essa estratégia de discurso (que retoma o Pedro), dá uma certa aproximação, quase intimidade, talvez amor (entre quem conta e quem é contado) - a principal motivação para escrever suas histórias.

Um dos recortes que fizemos para análise do trabalho, com a escrita dos causos do Pedro Mentira, passa pela escolha do gênero mais adequado, no caso o cordel, e a tentativa de entender o porquê deste tipo de poema ter se adaptado tão bem ao nosso propósito. Nesse sentido, dividimos nosso texto em dois capítulos. No primeiro, tentamos entender justamente isso: a escolha do gênero cordel, priorizando aspectos como a sua origem, passando pela estrutura dos versos, a estética das capas dos folhetos, sempre buscando associações com o tipo de sujeito que era o Pedro Mentira e o espaço no qual ele estava inserido. No segundo capítulo, trataremos de estudar as características típicas das personagens nos folhetos de cordel, a partir do personagem Chicó, do dramaturgo Ariano Suassuna, e traçando paralelos com o personagem Pedro Mentira.

Para melhor contextualizar a origem de todo este trabalho de recontar o Pedro Mentira em folhetos de cordel, resolvemos “causar”, ou seja, contar como aconteceu todo o processo de escrita, através de um caso, que se passou durante nossa graduação. Esse caso trata de um encontro, um tanto quanto inusitado, do gaúcho Pedro Mentira com o Cordel Nordeste que, nos parece, deu, e está dando, muito certo.

As arteirices do Pedro Mentira na Unipampa – Que viraram TCC

No dia que ele partiu

Nem alcançava o caixão

Pra poder me despedir

Me seguraram da mão

E na ponta do pé vi:

Não morre a imaginação

Cresci ouvindo sua voz

Na boca de outras pessoa

E eram tantas mentiras

Mentira daquelas boa

Que houve necessidade

Se tu escreve, tu voa...

Pedro era contador

Sujeito da oralidade

E a todos ele parava

De tanta curiosidade

Mas nem ele pensaria

Causar na Universidade

Eu nasci verzejador

E agora o que fazer?

Com o Seu Pedro Mentira

Se o que sei é escrever?

Achar o modelo certo

Pros seus causos trans-crever

Pra poder me ajudar

Fiz a prova do ENEM

Vou me aprimorar nas letras

Aí sim vou fazer bem

A Unipampa é o lugar

Pra buscar o que não tem

Talento é coisa de berço

Figura 1 - Capa do cordel



Fonte: ARTEIRO (2017b)

Decidi ser amador  
Iniciava o meu caminho  
Prum dia não ser doutor  
Quem acredita em milagre:  
Diploma de cantador!

Estudei literatura  
Revirei-me na gramática  
Linguística também tinha  
“Porque eu não sou da informática”  
-Conheci Manoel de Barros-  
“Eu sou da invencionática”

Descobri que a poesia  
Pode ser feita na rua  
Bem junto às pedras do chão  
Decidi descer na lua  
Encontrei o meu avô  
Na sua arte tão sua

Qual é a rima mais certa?  
E agora o que fazer?  
Verso livre? Verso branco?  
Ou num conto descrever?  
E nenhuma tentativa  
Fez o Pedro aparecer

Eu já tava desistindo  
Mas fiquei tão encantado  
Quando o Cordel encontrei  
Pedro tava do meu lado  
A palavra oral escrita  
Em verso quase cantado

Agora vou confessar  
Meu sonho de contador  
É o de reviver o Pedro

Não quero ser narrador

Nem historiador tampouco

A saudade não é dor

A saudade é como o Ser

Por muito tempo conserva

Personagem ganha vida

O meu voto é de Minerva

Por arte e sabedoria

Que o Seu Pedro nos reserva:

“Vou te apresentar o Pedro

Tem caturrita que fala,

Fantasma dos ocalito,

Tiene también la luz mala

As abóboras com bunda

A mentira? É só contá-la

A poesia do Pedro

É poesia de chão

Poesia da calçada

E que se colhe com a mão

Estendida no varal

Rimam versos no cordão”

Cantar e recitar versos

Com jeito meio Nordeste

Meio Gaúcho também

Foi aprovado no teste

A estrutura do Cordel

Em Mentira se traveste

E pra sair do papel

Busquei acompanhamento

Pelas cordas de um violão

O Pedro não tem assento

O seu escrito é uma fala

Tem no tom o seu talento  
Simioni revisou  
Geice Peres fez a arte  
O Magnum melodia  
Cada um na sua parte  
E eis que tava estendida  
O varal venceu o infarte  
    E na Universidade  
    O Pedro foi convidado  
    Pra contar umas mentiras  
    Caturrita no cercado  
    Feras e assombração  
    E risos pra todo lado  
O Cordel foi pra calçada  
Voltou nas praças e feiras  
Seu lugar de nascimento  
Onde o mundo não tem beiras  
No Pampa perdeu-se o olhar  
Entre essas rimas rasteiras  
    E no meio do caminho  
    Tava quase desistindo  
    -Escola não é pra arte-  
    A Talita vinha vindo  
    Professora dos espantos  
    Me fez continuar mentindo  
A parentada do Pedro  
E também a vizinhança  
Depois de ler os folhetos  
Foram dividindo a herança  
Num desesquecendo histórias  
Como do ganso c'a gansa  
    E se contassem pra Ele

Jamais acreditaria  
Ver seus causos virar livro  
Romances de montaria  
No Uruguay, Rio de Janeiro  
Pelotas e até Bahia

Ele que não estudou  
Foi virando professor  
As escolas convidavam  
Pro seu “trabalho” expor  
Das crianças nem pensava  
Receber tanto calor

O Cordel tá no final  
A graduação também  
E pra fechar essa etapa  
Decidi escrever “bem”  
Como recomenda a Norma  
Contar o que o Pedro tem

Em forma de TCC  
E juntar toda teoria  
Pra não poder explicar  
O que cabe na poesia  
Que é dura como o chão  
E que o vento anestesia

Essa dor que tem a poeira  
Sopra, sopra pra distante  
Aglomera no nariz  
No Cordel eu tenho o instante  
No relance de um espirro  
“Olha como tu é importante”

Importante é o artista  
Deixa o mundo mais bonito  
Que nem Ele acredita

Os teus causos tenho dito

Contrariam a criação

Pecado fica bendito

Descobri que tu és artista

Pelos calos da tua mão

O que faço de improviso

Que vira-verso e canção

Se aglomera muita gente

Parecendo multidão

O que fazes de improviso

É o que chamam de talento

Só cria calo com o tempo

Quem tem pensamento lento

Sou só fazedor de verso

E tu: arrebatamento!

No dia da formatura

Vou querer tá lá contigo

De lenço, bota e bombacha

Eu e meu cavalo amigo

Invisíveis e sentados

De orgulho até o umbigo

E eis o fim do começo

Que até parece Mentira

Todo mundo é uma invenção

Se tu acreditar, tu vira

Professor, pesquisador

Mestre, doutor ou caipira

Inventar uma mentira...

E eis que da minha parte

É só isso que interessa:

Pedro não morreu de infarte

Ele vive no Cordel

Esse é o milagre da arte

## 1 O GÊNERO CORDEL ENLAÇADO AOS CAUSOS DO PEDRO MENTIRA

Meu avô, Pedro Nunes, era um grande contador de causos, histórias que permaneceram vivas, tanto na voz dos seus familiares, quanto no discurso das pessoas que conviveram com ele, e que de certa forma, passaram a reproduzir essas histórias. Nesse sentido já havia um conjunto de memórias, até então, apenas na voz desses herdeiros contadores, para formar um acervo dessas narrativas e ao mesmo tempo dar vida ao personagem protagonista, o Pedro Mentira, e o que deveríamos fazer: ressaltar suas habilidades de contador. Para tanto, era necessário, primeiramente, encontrar o gênero literário mais apropriado para fazer esse registro. Nessa busca, realizamos diversas tentativas, iniciando pelo caminho que nos parecia ser mais familiar, ou seja, o verso livre, sem a presença de uma estrutura fixa, que privilegiasse a contagem de sílabas e rimas, como exemplifico no poema abaixo:

### FICÇÃO CIENTÍFICA DOS PAMPAS

Nem meu velho avô  
 -Pedro Mentira-  
 Imaginaria esse futuro:  
 De cavalos com telefone  
 Melancias sem semente  
 E versos sem rima

E no dia que inventarem  
 A bergamota descascada  
 O sol perderá a poesia (ARTEIRO, 2014a)

Outro caminho testado foi a prosa, na qual escolhemos o gênero conto, ou causos, como eram conhecidas as histórias do Pedro. Até encontrarmos o gênero cordel, passaram-se cerca de dois anos em tentativas frustradas de escrita.

O primeiro capítulo deste trabalho tenta explicar o porquê do gênero cordel ter se adaptado tão bem à proposta de recontar os causos do meu avô.

### 1.1 Descoberta do Cordel

Buscando a origem do cordel podemos estabelecer uma primeira aproximação com a proposta de recontar os causos do Pedro Mentira. Primeiramente, em nossa pesquisa, buscamos entender melhor a procedência do gênero, que foi herdado da Península Ibérica, quando principiaram os registros impressos dos trovadores medievais, cujas narrativas eram em boa parte orais. A Idade Média marcou a cronologia de uma população de eclesiásticos de um lado e um povo praticamente de analfabetos de outro. Nesse sentido a forma de comunicação, difusão de ideias, de valores, etc., foi oral. No entanto, com tanto tempo de duração, do século V ao século XV, é evidente que a sociedade se modificou muito. Havia clérigos, e especialmente eles, compunham versos escritos. Em tal contexto, havia os jograis (trovadores), em muitos casos, iletrados, que compunham, decoravam versos ouvidos, improvisavam, etc. A prática era difundida e apresentada ao público em situações diversas: apresentações em praças públicas, em procissões, em festas, dentre outras ocasiões.

É essa prática que evoluiu e, em algum momento, dá origem aos *pliegos sueltos*, folhas volantes, ou cordel, e aí adquire o formato que chegará e se difundirá no Brasil. A autora Idelette Muzart-Fonseca dos Santos traz uma explicação para o termo que foi adotado - cordel:

O termo cordel era empregado, desde o século XIII, na região de Valença, na Espanha, para designar um cordão ou uma linha. Ganha a Península em geral e especificamente Portugal onde, no século XVIII, fala-se correntemente em teatro de cordel. (SANTOS, 2006, p. 61).

No Brasil, a impressão dos folhetos de cordel começou na segunda metade do século XIX e se constituiu como uma característica peculiar de narrar fatos do cotidiano, episódios históricos, lendas, temas religiosos, etc. Nesse gênero, notabilizaram-se autores como Leandro Gomes de Barros, a família Nunes Batista (família de cantadores), José Camelo de Melo Resende, José Galdino da Silva Duda, Francisco das Chagas Batista, conforme assinala a autora Candace Slater (1984, p. 14). As criações poéticas expressavam o cotidiano dos indivíduos populares, suas vivências e formas de diversão assentadas no narrar de casos da vida comum, invenções, recriações de fatos, etc.

Essa relação do gênero com esse cotidiano comum nos pareceu ser a chave para a tentativa de escrita através do folheto de cordel. Tudo isso partindo, é lógico, do perfil do nosso personagem e do repertório de histórias que tínhamos em mente, ou seja, as narrativas do Pedro, que foram difundidas aproximadamente entre os anos de 1932 e 1977, e que têm

esse caráter, essencialmente interiorano, transitando entre o rural e o urbano, do sujeito que vive aventuras inusitadas e fantásticas nessa migração do campo para a cidade.

Entre os temas mais recorrentes, os causos do Pedro Mentira retratam sua vida de campo (do sujeito que foi aramador, campeiro, tratorista, domador, etc.), seu contato com os animais humanizados (como a caturrita que fala ou o jacaré e as capivaras que atendem pelo nome), ou mesmo com as plantas (a figura do benzedor que utiliza ervas, ou do filho que se apaixona pelas abóboras), sua relação familiar e comunitária (muito comum em cidade do interior, onde todos se conhecem). É nessa perspectiva do cotidiano e do imaginário popular que o sujeito Pedro transitava, contando suas anedotas, reproduzindo com humor as nuances de uma vida que é simples, mas que é, ao mesmo tempo complexa, pois toda essa gama de histórias que ele deixou resultou em matéria poética para compor os livretos.

O Pedro era um homem da palavra oral, portanto, pensar no folheto de cordel, enquanto estrutura possível, para retomar os seus causos, é apropriar-se dessa poesia narrativa, ou seja, contar, pois essa era a essência do Pedro, o sujeito “contador”, mas ao mesmo tempo não fugir do verso que é nossa prática de escrita.

Embora o Nordeste, espaço de circulação dos folhetos de cordel, pareça estar longe de nós (Sul), Santos traz um conceito que diminui esse distanciamento entre Nordeste e Sul, na medida em que faz referência a um sujeito rural, num contexto geral brasileiro, ao citar os folhetos de cordel:

Documentário de costumes e de mitos do mundo rural brasileiro ou recriação escrita de uma tradição oral herdada da Europa, o folheto deixa entrever, sob uma denominação múltipla, as ambiguidades de sua identidade. (SANTOS, 2006, p. 60).

Meu avô era um homem da oralidade<sup>1</sup>, até hoje, não se sabe que tenha feito apontamentos ou registros escritos de suas histórias, o que se sabe é que costumava andar pelas ruas e rincões do município de Arroio Grande e, ao conversar com as pessoas, ele contava uma série de aventuras que tinha vivido ou que tinha “ouvido falar”. Naquela época e local era muito comum o trabalho cooperativo para realização da plantação e/ou colheita da lavoura, ou mesmo para ajudar no trato com os animais nas lidas de esquila, marcação, abate,

---

<sup>1</sup> A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (BENJAMIN, 1994, p. 198)

entre outras. Podemos perceber esse procedimento na narrativa de Graziano Pascale, quando o autor descreve a prática de trabalho e o imaginário que circunda essas situações:

Las desgracias empezaron a visitar esa casa allá por 1912. Mi abuelo Cándido era vecino de don Juan. En aquella época la gente se ayudaba en forma desinteresada cuando alguna tarea del campo lo requería. La cosecha del maíz era un caso típico. (PASCALE, 2016, p. 37).

Tanto na prática descrita por Pascale quanto na atividade campeira exercida pelo meu avô, era comum reunirem-se muitas pessoas, normalmente homens, que pernoitavam nos ranchos e galpões, e era nessas ocasiões, também, que o Pedro, se “juntava” com a peonada, ao redor de uma fogueira, para contar seus causos, ocasião na qual muitas vezes estavam presente os membros da família, especialmente seus dois filhos, homens. Em imagens como essa é que começamos a estabelecer essa linha que divide o homem Pedro Nunes do personagem Pedro Mentira, muitas vezes, o protagonista dos poemas de cordel.

Nesse sentido encontramos outra aproximação dos cordelistas, que nas feiras recitavam seus cordéis ao público que os cercavam para a audição, com essa prática do Pedro: de sentar-se, como narrador, próximo à fogueira, com as pessoas ao seu redor, conforme explica Walter Benjamin:

Sabia-se muito bem o que era experiência: as pessoas mais velhas sempre a passavam aos mais jovens. De forma concisa, com a autoridade da idade, em provérbios; ou de forma prolixa, com sua loquacidade, em histórias; ou ainda através de narrativas de países estrangeiros, junto à lareira, diante de filhos e netos. (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Registrar essas narrativas não seria um processo simples, a escolha da forma exata era primordial para o êxito do trabalho. O contador de causos dos folhetos de cordel, Pedro Mentira, esse personagem, essa voz, segundo verificamos, teria que ter características muito próximas desse trovador/improvisador, performático<sup>2</sup> por excelência, tão comum nas narrativas versadas dos folhetos e na prática de recitação dos cordelistas, inclusive na voz dos cantadores que se utilizam do gênero. Esse personagem, Pedro Mentira, deveria transparecer no texto escrito, carregado dessas “virtudes” de contador.

Na escolha do gênero cordel, toda essa potencialidade de evidenciar esse personagem, e que ele pudesse transcender o texto, inclusive no sentido interagir com outras

---

<sup>2</sup>[...] *performance* se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual. (ZUMTHOR, 2007, p. 18).

artes como o teatro de fantoches, a recitação, a música deveria contribuir para que reforçássemos a condição do Pedro Mentira contador de causos.

## 1.2 Meu Cordel estruturar

A forma com que se configura o texto no gênero cordel, em versos, que podem ser cantados e também “contados”, dialoga com a prática do Pedro, pelo fato de ser a narrativa de uma história, afinal, basicamente era isso que meu avô fazia – contava causos. Ele, por sua vez, não se utilizava de acompanhamento de instrumentos musicais, tampouco recitava versos ou se valia de rimas para dar ritmo e sonoridade a sua fala, o que leva a crer que a forma mais correta de narrar suas histórias seria em prosa, talvez em forma de causos, estrutura corrente no sul do Brasil. Fizemos essa tentativa, porém não houve êxito.

A escolha pelo verso foi um grande risco, porém, não necessariamente prosa e verso caminham assim tão distantes. Nesse sentido a escolha do cordel não nos parece ter sido assim tão inusitada, pois apresentaria uma riqueza de possibilidades ao escritor, que teria uma linha narrativa que propicia construir, simultaneamente, conteúdo, imagem, som e ritmo, através dos versos e rimas. Soma-se a isso, também, outra ferramenta importante que o gênero oferece como material de construção de sentido ao texto, que são as imagens contidas nas capas dos folhetos, que trataremos mais adiante. A riqueza do gênero cordel é tamanha, que mesmo dentro do próprio gênero, temos as mais variadas possibilidades de configuração estrutural que se pode adequar às necessidades do poeta, assim ele pode construir esquemas diversos na construção do seu texto, conforme nos explica Santos:

Em geral, prosa e poesia são reconhecidas como constituindo um sistema binário, dois pólos que determinam o conjunto das comunicações verbais. Contudo, no interior de uma categoria poética, os contadores/cantadores distinguem vários esquemas no que se refere à métrica: identificam aí gêneros qualitativamente diferentes. (SANTOS, 2006, p. 111).

O meu avô era um sujeito da voz e do gestual, traduzir todo esse caráter performático para o texto era, sem sombra de dúvidas, um grande desafio. E para fazer a primeira tentativa com o gênero cordel era necessário escolher uma das tantas métricas utilizadas pelos cantadores e cordelistas, dentre tantas opções, a sextilha foi escolhida por ser:

[...] a estrofe corrente de seis versos heptassilábicos, onde o 2º, 4º e 6º rimam entre si (xAxAxA). As sextilhas são cantadas alternadamente pelos dois cantadores. Trata-se do gênero mais comum, tanto na poesia improvisada oralmente, quanto nos folhetos dos poetas populares. (SANTOS, 2006, p. 112).

A opção pela sextilha ao recontar os causos do Pedro Mentira foi baseada na “simplicidade”. Simplicidade que se justifica em função de dois motivos: o primeiro era buscar um caminho “menos difícil”, em virtude do obstáculo que tínhamos em função de transitar por um terreno até então desconhecido, na forma de escrever, ou seja, construir versos dentro de uma métrica exata e com rimas. O máximo que tínhamos realizado, nesse sentido, até então, eram alguns poemas em forma de sonetos. O segundo motivo era relacionar de forma sistemática o texto escrito, que deveria transparecer simplicidade, com a figura emblemática do Pedro, pois suas histórias tinham esse caráter do cotidiano simples do sujeito interiorano. Nesse aspecto, a imagem do meu avô, retratada no texto, deveria ser a imagem da leveza, embora o ambiente pudesse remeter a um sujeito rude, a utilização de rimas bem marcadas, determinando um ritmo fixo e delimitando o espaço da narrativa propicia essa exatidão (simplicidade), quase infantil, ao passo que contribui também para uma liberdade que abre espaço para o teor fantástico contido no enredo e desfechos inusitados dos causos do Pedro Mentira.

A sextilha, num total de 32 (trinta e duas) estrofes por folheto, folheto de 8 (oito) páginas, acabou sendo a escolha para a escrita do primeiro cordel, que foi intitulado “Se a Caturrita usar bigode eu acredito”, e esse formato tem sido usado até hoje, quando já contabilizamos 13 (treze) folhetos produzidos.

Posteriormente à escrita dos primeiros folhetos, a sextilha se adequou muito bem a uma outra forma de propor o texto, que não fosse apenas a relação texto escrito *versus* leitor, mas a apresentação oral desses textos. Nesse sentido a sextilha se prestou adequadamente ao processo de recitação e cantoria dos versos contidos nos cordéis, algo que não estava previsto no projeto inicial, que era apenas a escrita, registro dos causos do meu avô.

Atribuímos a esse processo, que caminha hoje paralelamente à construção do texto, pois agora já escrevemos pensando no recital e na cantoria, às “ilimitações” do Pedro Mentira – cantar e recitar é, sem sombra de dúvidas, um processo de aproximação com o que seria a performance do Pedro. Percorremos assim uma espécie de trajetória, enquanto escritores, na

construção desse personagem, o Pedro Mentira, até chegar num esboço do que seria o contador de causos Pedro Nunes. A escrita, dessa forma, em determinado momento, saiu do papel, e o folheto ganhou voz, na poesia recitada ou cantada, algo semelhante à contação de histórias.

Das múltiplas vozes que entrelaçam a memória, o folheto é o herdeiro. Mas, contrariamente às teorias que identificam o oral – ou a “oratura” – como a infância da literatura, e a escrita como o resultado final (e o fim) da tradição oral, o texto escrito faz frutificar a herança das vozes, e se insere, por sua vez, na dinâmica cultural que as fez nascer. A literatura de cordel entra no circuito que realimenta e renova, tanto no ponto de vista poético quanto do narrativo, a tradição oral da cantoria, do romanceiro e dos contos: a literatura de cordel se transforma em um “celeiro” onde cantores e poetas, contadores e contadoras, irão buscar as histórias e os versos que farão renascer, ao seu ritmo e à luz de sua própria história de vida. (SANTOS, 2006, p. 141).

Finalizamos a seção manifestando o “achado” que foi o gênero cordel, não no sentido de uma depuração da voz do Pedro Mentira, um refinamento, mas justamente o inverso, a escrita não deveria ser um complemento, mas uma retomada, uma caminhada para a essência do contador, “realimentar e renovar”, essa deveria ser a trajetória - verso a verso. O grande desafio, muito mais do que construir esse personagem, que estava lá, na memória, era saber como, de que forma recontar; portanto a descoberta da estrutura, fundamentada no modelo dos folhetos de cordel foi o grande salto para que o Pedro Mentira ressurgisse, agora no papel, na recitação, na cantoria, para atingir nossas almas e nossos risos.

### **1.3 Tem as capas dos folhetos**

Como mencionamos anteriormente, o gênero cordel possui ferramentas de que pode se valer o poeta para causar um efeito no seu público ouvinte ou leitor, na medida em que tanto se pode trabalhar diretamente com a solidão da relação texto escrito/leitor, quanto dispor da sua estrutura sonora e rítmica da escrita dos folhetos, disposta com versos e rimas, na recitação e cantoria, e também usar os recursos visuais através das imagens que são produzidas para a capa dos folhetos.

A tradição da literatura de cordel aponta dois grandes objetivos que motivam os artistas a confeccionar as imagens que ilustram as capas dos folhetos, o primeiro seria mais comercial, a capa deveria motivar o leitor a comprar o folheto; o segundo objetivo seria a

nível de que a imagem deveria dialogar com a leitura do texto, ela funcionaria como produtora de efeito juntamente com o texto; é claro que pode também haver uma conjugação desses dois objetivos em uma mesma arte:

O folheto, como um livro, tem uma capa de papel sobre a qual estão, em geral, impressos o título, o nome do autor e um desenho, fotografia ou xilogravura, que se apresenta como ilustração e, por vezes, um emblema do poema. (SANTOS, 2006, p. 85).

Quando fizemos a primeira experiência com o gênero cordel não imaginávamos que funcionaria tão bem quanto funcionou. Na ocasião nem havíamos pensado como iríamos trabalhar com as capas, pois não temos essa habilidade com a produção de desenhos. Nesse sentido fomos buscar ajuda em alguém que gostasse de trabalhar com esse tipo de arte visual e que tivesse algum contato com o gênero cordel. A opção mais lógica foi recorrer a mesma professora que tinha nos apresentado os folhetos, e que sabíamos, gostava de “brincar” de desenhar. Ela aceitou o convite e é a autora das imagens que estão nas capas e contracapa de todos os cordéis que produzimos até agora.

Quando conversamos sobre como seriam os desenhos, pensamos que estes deveriam dialogar com o texto, sem revelar/antecipar seu conteúdo. Seria uma espécie de marca registrada da escrita contida nos folhetos; na imagem seria possível ao leitor, primeiramente, identificar nosso personagem protagonista, o Pedro Mentira, depois dialogar com o texto sem dar pistas do teor dos casos, e finalmente que, posteriormente à leitura, a imagem fizesse o leitor reter na memória o conteúdo do folheto.

[...] a imagem pode tornar-se, por sua vez, fonte da história, pois ela também conta; ilustra o folheto para servir em seguida de suporte para a leitura ou para a memória. Quando o leitor/contador se cala, a imagem continua a “falar” ao que olha para ela e pode ajudar a reconstruir a história de memória. Presenciamos tal fenômeno: quando pedimos a uma mulher analfabeta para nos falar do seu folheto preferido, começou descrevendo a ilustração. “No livro tem um desenho. É Cidrão segurando Helena em seus braços. Ela é muito bonita e ele diz a ela...” e passou a contar a história com suas próprias palavras, mas aos poucos, recitava passagens inteiras do longo folheto intitulado Cidrão e Helena. A imagem rememorada tinha liberado o verbo e ainda reforçado a autenticidade da história, porque permitia “ver” os heróis. (SANTOS, 2006, p. 91-92).

A explicação de Idelette dos Santos resume bem a nossa ideia quando trabalhamos com as imagens, é, como dissemos, mais uma ferramenta do gênero cordel a serviço da nossa proposta de trabalho, que extrapola a questão do registro escrito dos casos do Pedro, na

medida em que é também uma tentativa de “revivê-lo” por alguns instantes, enquanto se lê o folheto.

Nessa perspectiva utilizar a imagem é fundamental. O que realizamos hoje, enquanto trabalho com as figuras contidas nas capas dos folhetos, é o que fazia meu avô, sem precisar do papel. Ele não precisava escrever para o seu “leitor”, tampouco desenhar, era através da palavra “dita” que ele era “lido”, e no que toca à construção das imagens, ele o fazia “falando” ao imaginário das pessoas, ele tinha uma plasticidade no “contar”.

Reiteramos que foi fundamental o formato do gênero cordel ser como é, para que esse trabalho, de recontar os causos do Pedro, e de construir esse personagem, fosse exitoso.

Trabalhar com versos nos permite explorar toda essa potencialidade do fazer poético (poema) na criação de imagens. Não que isso seja impossível na prosa, todavia se pensarmos na própria estética do texto versificado, com sua estrutura verticalizada, podemos traçar uma aproximação, inclusive, com a imagem do Pedro Mentira personagem, que nas capas dos folhetos, é representado como uma figura sempre ereta (braço na vertical), ativo, exteriorizando, sua confiança e sabedoria popular, levemente disfarçado pela leveza de um sorriso.

Quando contava suas “mentiras”, ele próprio era o primeiro a acreditar em tudo – o Pedro Mentira é uma afirmação (dedo indicador apontado para cima). Além disso, o caráter performático do meu avô, pelo que contam as pessoas, era carregado de gestos, entonações, pausas, silêncios e retomadas. Trabalhar com versos, estrofes, páginas com número fixo de estrofes, número fixo de páginas, como determinam as regras do gênero, causa um efeito interessante no processo de leitura e audição, ou seja, dá ao leitor um ritmo, inclusive na sobreposição e sequência de imagens que o texto propicia.

A estética a que nos propomos enquanto esse diálogo texto/imagem se restringiu apenas à capa, com exceção do primeiro folheto, que possui uma imagem no final (última página). Isso se justifica em virtude da imagem ser uma espécie de protótipo para o mergulho no texto, ou para sua retomada posteriormente.

O gravador não procura ilustrar ou pôr em imagens a história inteira, mas se esforça para encontrar o centro, o sentido oculto da história, o personagem ou o gesto que prenderá a atenção do leitor/ouvinte e que irá se tornar, de algum modo, o emblema da história. (SANTOS, 2006, p. 92).

Analisando as capas dos folhetos produzidos nesse processo, percebemos essa sinergia entre o sentido da história e o gesto do personagem, pois em quase todos os cordéis aparece o dedo indicador do contador (Pedro Mentira) apontado para cima, marca específica desse personagem, que busca prender a atenção do leitor. Isso se reproduz também na nossa prática quando recitamos/cantamos os cordéis. É o mesmo gesto que se repete nessas ocasiões, é quase como se o recitador “incorporasse” o personagem Pedro Mentira e apontasse seu dedo para o céu.

Nas capas, em sua quase totalidade, ao lado do personagem protagonista, estilizado em corpo inteiro, só o braço ou a mão (sempre destacando o dedo indicador), há outras imagens que remetem à história, sem contá-la, nem tampouco anunciá-la, a leitura da imagem só é compilada pelo leitor durante e após a leitura do texto.

Quanto à forma das ilustrações, que podem aparecer nas capas dos folhetos de cordel, citado por Santos que seriam: desenho, fotografia e xilogravura, já transitamos em praticamente todas, ou muito próximos, dessas técnicas.

As capas dos primeiros cordéis são desenhos feitos à lápis. Porém, quando começamos as apresentações públicas do cordel recitado/cantado, fizemos alguns *banners* reproduzindo a capa de dois folhetos, que tinham o objetivo estético, de leitura por parte do público, um suporte para ajudar na compreensão da nossa proposta de trabalho. Há também um terceiro *banner* que é utilizado para apresentar o trabalho de forma geral, este *banner* está sempre em algum lugar de destaque, ele também tem uma configuração que imita uma capa de cordel, e nele há uma fotografia, original, do Pedro Nunes, montado no seu cavalo branco. Nessa ocasião portanto, utilizamos a fotografia como ilustração. Abaixo a reprodução da imagem:

Figura 2 - Reprodução do banner utilizado nas apresentações do Cordel Gaúcho.



Fonte: Fotografia de acervo próprio e montagem de Elenice Pacheco Terra.

Neste *banner* temos uma mistura da imagem original, uma fotografia do Pedro Nunes, que foi tirada em um dos desfiles tradicionais do dia 20 de setembro, na cidade de Arroio Grande, em frente à Praça Central. A imagem desta fotografia foi recortada, de forma digital, e inserida fundo preto, que imita a xilogravura reproduzida nas capas dos folhetos e as demais inscrições comuns nas capas de cordéis: nome do autor, título, e no caso específico uma breve apresentação do personagem Pedro Mentira. A imagem, dentro de uma leitura pessoal nossa, poderia remeter a esse homem real que sai dessa vida de convivência para ser personagem no papel. Essa leitura poderia portanto simbolizar o momento em que o homem virasse livreto, conforme o texto do *banner* “Homem imortalizado em livreto”.

A xilogravura representa hoje a ilustração mais frequente nas capas dos folhetos artesanais. Esse antigo procedimento de gravura sobre madeira em relevo chama-se, na Europa medieval, *gravura en teille d'épargne*. De fato, trata-se de conservar (*épargner*) os traços e talhas destinados a aparecer em preto na tiragem, esvaziando as partes destinadas a permanecer brancas. Utiliza-se em geral, como base, madeira de cajá, abundante no Nordeste, tenra e fácil de trabalhar; mais recentemente alguns gravadores têm recorrido à borracha de velhos pneus, conseguindo até efeitos de fundos trabalhados, como Dila, de Caruaru, em Pernambuco. A xilografia popular caracteriza-se pelo esmagamento geral da imagem, pela ausência de profundidade, a falta de claro-escuro e de perspectiva. As figuras são nítidas, o traço espesso. (SANTOS, 2006, p. 88).

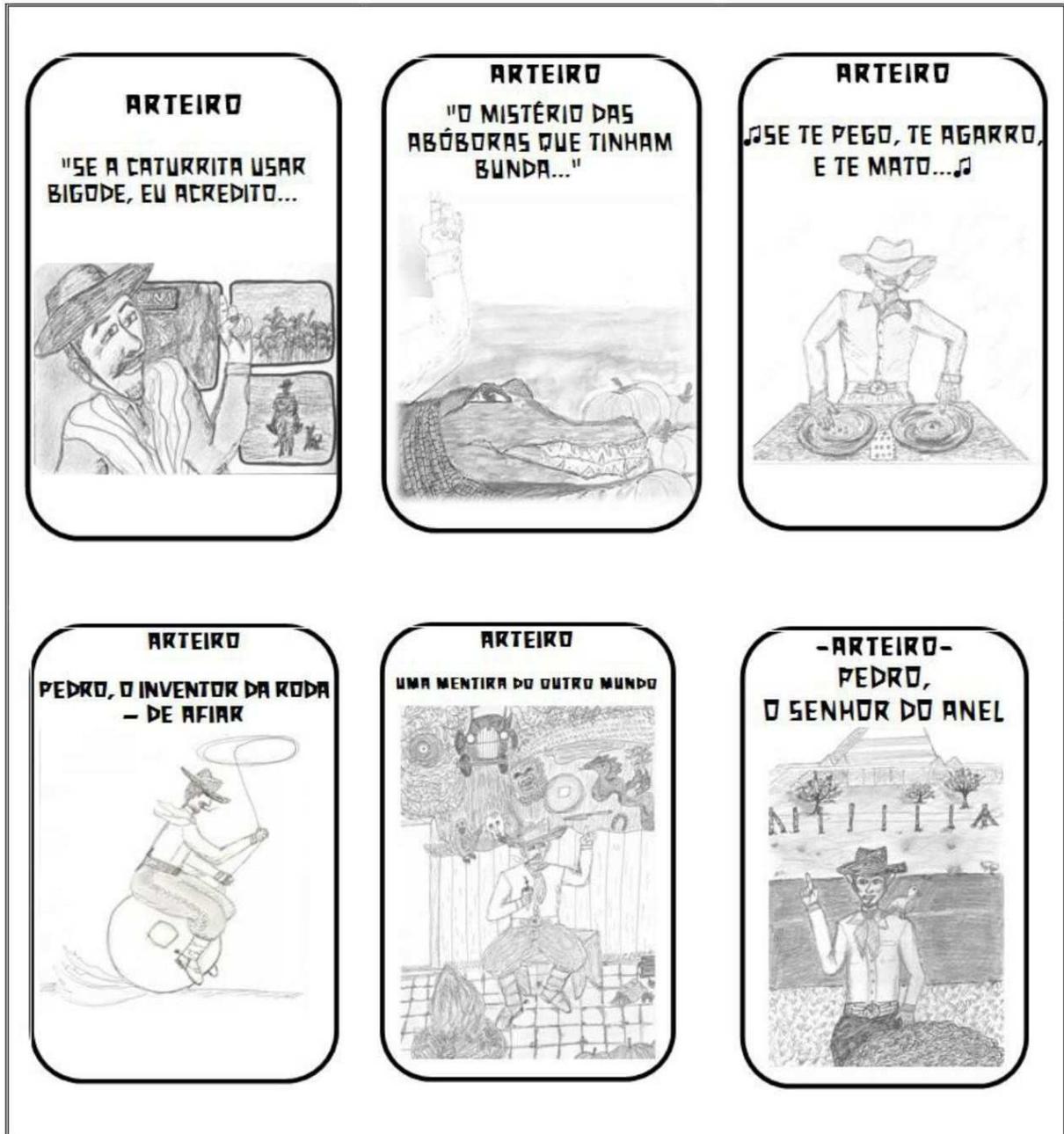
Com relação à xilogravura, essa consiste no único tipo de ilustração que ainda não utilizamos, efetivamente, nos folhetos, porém as capas dos últimos 4 (quatro) cordéis foram feitos na perspectiva de imitar os efeitos da xilogravura. É fato que quanto mais nos aprofundamos na produção do gênero, mais tentamos nos aproximar das práticas mais tradicionais dos cordelistas do Nordeste do Brasil.

Nessa perspectiva, temos buscado uma aproximação com a originalidade do gênero, sua essência enquanto texto, e o mesmo acontece com as ilustrações das capas. A xilogravura tem sido uma meta para efetivar esse propósito, sem contar que seu traço mais simples, sem profundidade, sem nuances de cores e sem perspectiva, retoma nossa ideia primeira de que o texto a que nos propomos trabalhar deve espelhar o sujeito talhado no campo que era o Pedro - traços rudimentares para um sujeito rude (simples).

Na mesma medida, a imagem não pode ser reveladora, mas aguçar a curiosidade, sem dar sinais do que vai acontecer, e também permitir uma retomada quando do final da história. Essa ausência de detalhes nas imagens, ajuda nesse propósito, e remete a esse sujeito do campo que era o meu avô. A tendência é que tenhamos nos próximos folhetos, efetivamente, a xilogravura como base para as capas e não mais apenas um desenho que a imita.

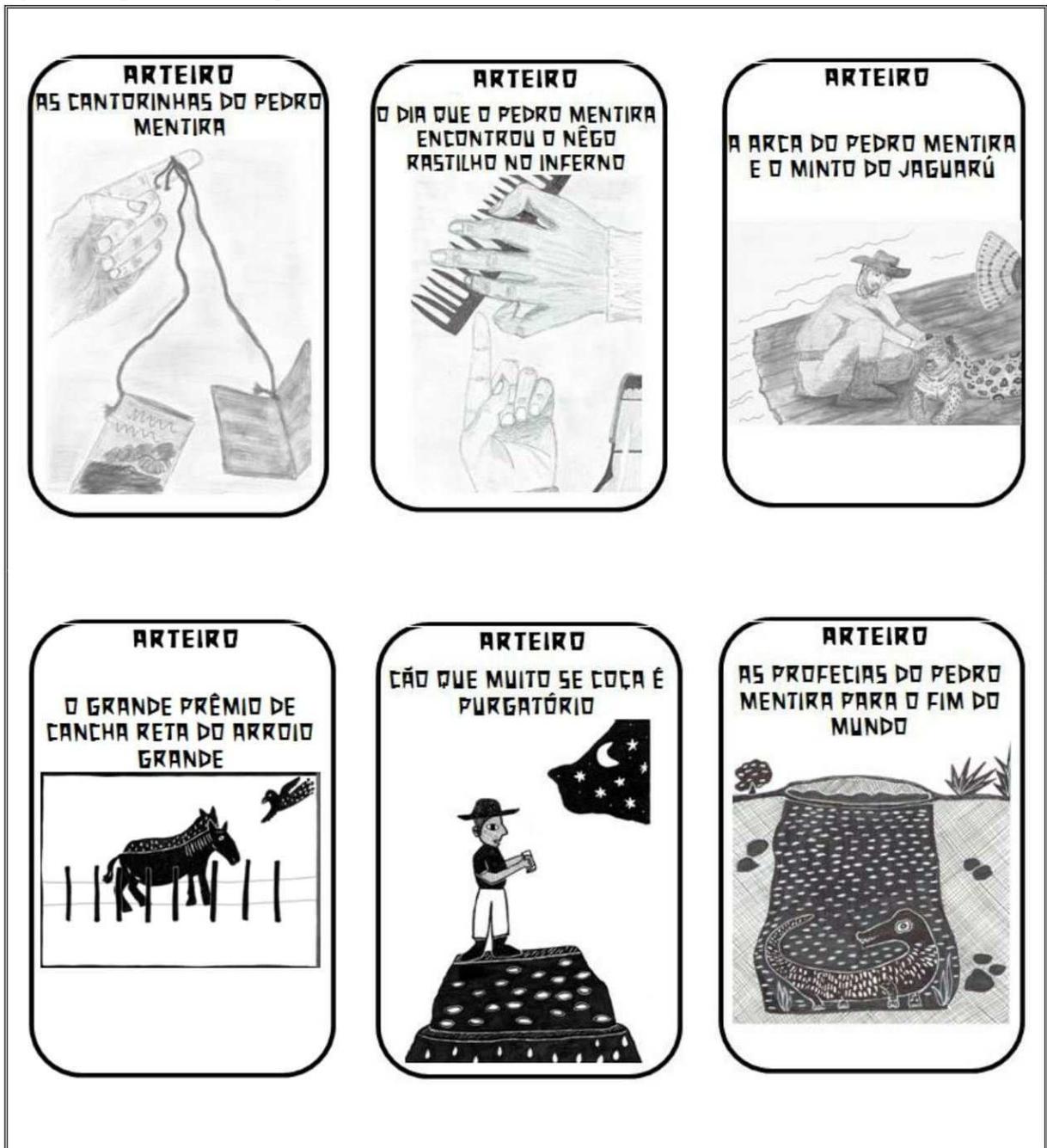
Reproduzimos agora a capa dos outros 12 (doze) folhetos produzidos até então - a capa do 13º cordel, feito para este TCC, já consta neste texto.

Figura 3 - Capas dos cordéis (parte 1)



Fonte: ARTEIRO (2014b; 2014c; 2014d; 2014e; 2015a; 2015b)

Figura 4 - Capas dos cordéis (parte 2)



Fonte: ARTEIRO (2015c; 2015d; 2015e; 2016a; 2016b; 2017a)

## 2 O PEDRO MENTIRA NO CORDEL

Definida a estrutura que utilizamos como “morada” da palavra do meu avô, ou seja, o cordel, passamos agora, neste capítulo, além de continuar nossa trajetória de relacionar os causos contados de forma oral pelo Pedro com o gênero escolhido para registrar, de forma escrita, as histórias, a tratar da construção do personagem Pedro Mentira nos folhetos.

Sem dúvida nossa motivação inicial era registrar no papel, as “mentiras” do Pedro, e de alguma forma, perpetuar sua memória nos leitores. Enaltecer esse talento nato para criar e contar histórias que tinha o meu avô.

Em sua narrativa sobre a vida de Dionisio Díaz, Graziano Pascale, resume bem esse desejo, ao dar vida e voz a um personagem chamado “el escrivano Carve”, na ocasião em questão Carve propõe que durante o desfile em memória a Dionisio, um avião lance sobre o público alguns folhetos. Estes folhetos teriam uma finalidade específica.

- Me he tomado la libertad de realizar este impreso que ustedes están viendo. Es un folleto en el que he recopilado fotos del pequeño Dionisio, poemas y canciones que se han escrito en su memoria, y varios artículos de prensa que evocan su hazaña. He pensado que causaría un gran impacto lanzar miles de estos folletos desde el aire para que las personas que asistan al desfile puedan llevárselos como recuerdo. Estoy seguro que los conservarán durante toda la vida, y harán de este homenaje algo imborrable en la memoria de nuestra ciudad. (PASCALE, 2016, p. 23).

O sentido da palavra “homenagem” casa bem com o propósito do nosso trabalho, e é nessa perspectiva que devemos marcar a presença desse personagem, que logicamente, não é o Pedro Nunes, mas que o processo de sua criação o evoca no sentido de contar a partir dos seus causos. Parece-nos que mesmo em vida o Pedro se travestia de um personagem quando contava seus causos, foi, inclusive, batizado pelo povo com um nome original, o de Pedro Mentira. O personagem dos folhetos não é nem o Pedro Nunes nem o Pedro Mentira que caminhava contando histórias pelas ruas da cidade. É um terceiro sujeito, agora desempenhando seu papel de contador pelo papel, adequando-se a um novo jeito de contar e, assim, assumindo características próprias. É apresentando esse novo personagem, através dos folhetos, poesia, música, teatro, que queremos homenagear o Pedro.

Antonio Candido fala dessa ficcionalidade do personagem, ao mesmo tempo que põe em xeque a sua condição de existência, ou não. Embora a alcunha popular, o personagem

Pedro Mentira teria, ou não teria, uma condição de existência, ou perpetuação de existência? Candido dirá que sim, na medida em que ele, o personagem, cause uma impressão de verdade:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é concretização deste. (CANDIDO, 2011, p. 55).

A partir dessa concepção de personagem enquanto possibilidade de “concretização” do ficcional é que tentamos propor uma “contação” de causos do Pedro não apenas na perspectiva de registro mas de revivê-lo no cordel.

É importante frisar que Candido se refere ao gênero romance e nossa perspectiva é a do Cordel, todavia, como já mencionamos anteriormente, a proposta básica dos folhetos é contar uma história, e o gênero possui uma característica narrativa muito próxima do romance, inclusive com seus elementos, dentre eles, o que nos interessa no momento - a personagem.

Para marcar a presença do gênero nessa trajetória de recontar os causos do Pedro, decidimos traçar o perfil desse “novo” Pedro com um outro personagem que habita a literatura nordestina, inclusive o cordel, chamado Chicó. Especificamente vamos traçar paralelos entre esse dois personagens Pedro Mentira dos folhetos e Chicó, da obra *Auto da Compadecida*, do autor Ariano Suassuna.

Sobre a origem deste livro o próprio Ariano faz algumas considerações importantes quanto à encenação na introdução do texto:

O *Auto da Compadecida* foi escrito com base em romances e histórias populares do Nordeste. Sua encenação deve, portanto, seguir a maior linha de simplicidade, dentro do espírito em que foi concebido e realizado. (SUASSUNA, 2004, p. 21).

Retomamos, a partir da fala de Ariano Suassuna, que a ênfase, na criação do personagem Pedro Mentira, deveria ser a simplicidade, pois seus causos tem essa peculiaridade, de tratar do cotidiano de pessoas simples, que vivem no interior.

Mas então se o Pedro Mentira era um sujeito tão simples assim, o que fazia dele uma pessoa tão marcante? Quais eram suas habilidades no contar que o fizeram permanecer vivo na memória das pessoas da comunidade na qual viveu?

Na construção do personagem Pedro Mentira destacamos três características principais, que devem retomar essas habilidades de contador, as quais, nos parecem, serem parte fundamental do seu repertório, para além da própria simplicidade, que, entendemos, ser também uma característica positiva, sobretudo como forma de aproximação com a comunidade em que ele vivia. São elas: a performance, a convicção e a imaginação.

A partir dessas características tentaremos entender como se construiu o Pedro Mentira nos folhetos de cordel e ao mesmo tempo traçar um paralelo desse personagem com o Chicó do *Auto da Compadecida*.

## 2.1 Ele sabia contar

O caráter performático do Pedro era inegável. Uma marca muito forte no discurso das pessoas quando “recontam” os casos do Pedro é justamente isso, elas dizem: - A história é essa, mas quando o Pedro contava era diferente, o caso ficava mais engraçado! Ele sabia contar... Ou seja, para o público, esse “saber contar” é o corpo, gestual, entonação de voz, pausas no instante exato, suspense, etc; é o momento do contar que está retido na memória.

Nessa perspectiva podemos buscar, na teoria que trata da classificação da personagem, um enquadramento para o Pedro Mentira, nosso protagonista dos folhetos de cordel. Segundo Candido, podemos oscilar, num primeiro momento, entre duas vertentes, quanto aos tipos de personagem:

No momento, assinalemos que, tomando o desejo de ser fiel ao real como um dos elementos básicos na criação da personagem, podemos admitir que esta oscila entre dois pólos ideais: ou é uma transposição fiel de modelos, ou é uma invenção totalmente imaginária. (CANDIDO, 2011, p. 70-71).

Dentro desse parâmetro já conseguimos enxergar claramente que o personagem protagonista de nossos cordéis deveria ser enquadrado, predominantemente, na “transposição fiel” do Pedro Mentira que contava casos, porém com interferência do imaginário pessoal do escritor. Entretanto, Candido vai adiante na sua classificação, e dentro dessa lógica ele

subdivide ainda mais essa concepção de tipos de personagens que, logicamente, não perdem seu balizamento com os dois pólos propostos. Neste esquema de Candido, encaixamos o Pedro Mentira no item 2.

2. Personagens transpostas de modelos anteriores, que o escritor reconstitui indiretamente, - por documentação ou testemunho, sobre os quais a imaginação trabalha. Para ficar no romance citado de Tolstoi, é o caso de Napoleão I, que estudou nos livros de história; ou de seus avós, que reconstruiu a partir da tradição familiar, e são no livro o velho Conde Rostof e o velho Príncipe Bolkonski. (CANDIDO, 2011, p. 71).

Especificamente, neste item, tratamos do caráter performático que o Pedro assumia quando contava suas histórias, talvez fosse nesse exato momento que o Pedro Mentira fizesse sua “aparição”. Transpor esse sentido performático, obtido no testemunho das pessoas que viveram com ele, pois quando nosso avô faleceu tínhamos só seis anos de idade, passa por essa oscilação entre dois pólos: ser fiel ao testemunho das pessoas e ao mesmo tempo ter uma dose de imaginação para causar nas pessoas um efeito semelhante, dependendo da ocasião, riso, surpresa, perplexidade, enfim. Ainda pensando na performance, reproduzir no personagem toda essa carga tão pessoal do contador, entonação de voz, gestual, etc., é, sem dúvida, fator importante, e que deveria se refletir nos textos do cordel.

No folheto *O mistério das abóboras que tinham bunda*, por exemplo, temos a imagem do Pedro Mentira levando o filho até a cidade, para que o mesmo pudesse “perder” a virgindade. É um momento de muita reflexão, pois o Pedro está diante de seu primogênito, já em vias de se tornar homem adulto. A marca da imagem é o silêncio (reflexão). Como o Pedro contaria essa história? De que forma ele, gestualmente, marcaria esse silêncio?

E foi assim que saíram  
Em direção à cidade.  
Depois de dar manivela  
E suar barbaridade,  
Embarcaram na fubica  
Era longe de verdade...

E dos seis filhos do Pedro  
O Soli era o primeiro.  
Não sabia o que dizer  
Foi silêncio o tempo inteiro.  
E o Pedro assoviava  
E fumava seu palheiro. (ARTEIRO, 2014, p. 1-2).

Na imagem produzida nos dois últimos versos do folheto das abóboras temos o que seria esse silêncio na expressão física do personagem Pedro Mentira, marcado pelo assovio, como forma de representação desse abafamento do verbal, com o assovio o Pedro Mentira silenciou a voz e abriu a porta do pensamento. Já a imagem do palheiro seria também um artifício cênico que poderia ser produzido pelo Pedro Mentira, uma pausa no contar, a marca de um silêncio, que poderia ser menor (apenas uma tragada) ou maior (enrolar um novo cigarro). O palheiro poderia também ser uma boa metáfora da própria vida que se extingue a cada vez que respiramos (a cada tragada), o fim de um ciclo, pois o primogênito não é mais uma criança, talvez o Pedro Mentira tenha essa consciência da velhice que se aproxima.

Esse é apenas um dos muitos exemplos que poderíamos trazer de aspectos textuais ligados ao gestual do Pedro Mentira.

O personagem Chicó também carrega consigo marcas fortes desse “jeito” de contar que atravessa a compreensão do interlocutor deixando um vácuo, ou silêncio, para trás, e trazendo um componente novo para a história, o que faz com que o leitor assumira essa condição de interlocutor abandonando a trama anterior como se ela fosse, supostamente, uma verdade. O “trocar de assunto” para fechar a história anterior enquanto uma verdade. Nesse sentido está incutido o desempenho do ator. Como dramaturgo, Ariano prevê a composição da personagem pelo seu intérprete, orienta a simplicidade do cenário, mas o restante é com o grupo teatral. E é nesse sentido, de facilitar ao leitor, ou mesmo quem recita ou canta o cordel, que o texto dos folhetos do Pedro Mentira devem ser construídos, para que sejam de fácil representação, que induzam a uma performatividade.

Vejamos o diálogo de João Grilo e Chicó, no *Auto da Compadecida*, que começa em função da necessidade de benzer, ou seja, dar a extrema-unção no animal (cachorro), algo proibido pelo clero, mas que em troca de dinheiro acaba sendo realizado.

JOÃO GRILO

Não vai benzer? Por quê? Que é que um cachorro tem demais?

CHICÓ

Bom, eu digo assim porque sei como esse povo é cheio de coisas, mas não é nada de mais. Eu mesmo já tive um cavalo bento.

JOÃO GRILO

Que é isso Chicó? (Passa o dedo na garganta). Já estou ficando por aqui com suas histórias. É sempre uma coisa toda esquisita. Quando se pede uma explicação, vem sempre com “não sei, só sei que foi assim”.

CHICÓ

Mas se eu tive mesmo o cavalo, meu filho, o que é que eu vou fazer? Vou mentir, dizer que não tive? (SUASSUNA, 2004, p. 26).

Percebemos que o assunto inicial gira em torno da benzedura do cachorro, mas Chicó introduz, assim do nada, o tal cavalo bento, e quando questionado por João Grilo sobre suas histórias “esquisitas” apela ao interlocutor dizendo: “Vou mentir, dizer que não tive?” (2004, p. 26) e assim muda o foco da história. Não se pode negar que Chicó é um exímio articulador, cheio de estratégias e quebras de silêncios, introduzindo outros assuntos, confundindo o interlocutor, colocando-o entre a linha do real e do imaginário.

Para fechar esse primeiro item, vamos dar seguimento a história do cavalo bento de Chicó e observar o caso do cavalo do Pedro Mentira, buscando aproximar por meio da temática esses dois personagens contadores.

#### CHICÓ

Foi uma velha que me vendeu barato, porque ia se mudar, mas recomendou todo cuidado, porque o cavalo era bento. E só podia ser mesmo, porque cavalo bom como aquele eu nunca tinha visto. Uma vez corremos atrás de uma garrota, das seis da manhã até às seis da tarde, sem parar nem um momento, eu a cavalo, ele a pé. Fui derrubar a novilha já de noitinha, mas quando acabei o serviço e enchocalhei a rês, olhei ao redor, e não conhecia o lugar em que estávamos. Tomei uma vereda que havia assim e saí tangendo o boi... (SUASSUNA, 2004, p. 27-28).

Para resumir a história, Chicó e seu cavalo bento correram tanto, atrás da garrota, que saíram do Estado, indo parar no Sergipe, atravessando, inclusive, o Rio São Francisco. Quando João Grilo pergunta para ele como fez a travessia do rio, Chicó responde: “Não sei, só sei que foi assim” (2004, p. 29).

O Pedro Mentira também contou um caso de cavalo corredor, no cordel *O Grande Prêmio de Cancha Reta do Arroio Grande*. O cavalinho corredor do Pedro Mentira nasceu bem no meio de uma carreira, a égua, que era do Pedro Mentira, estava prenha dos últimos dias, e o povo chamava o Pedro de louco. Como poderia ele apostar nela? Como iria ganhar a carreira estando prenha? Prestes a ter o potrinho? Foi dar a largada e dito e feito, ela ficou para trás, mas para a surpresa de todos o Pedro Mentira ganhou a aposta, o potrinho nasceu no meio da carreira e correndo como um raio chegou em primeiro lugar sem sequer ter rompido o cordão umbilical. E se João Grilo perguntasse para o Pedro Mentira como a égua ganhou, se ela ficou para trás, talvez o Pedro Mentira respondesse como no cordel: “O potrinho é vitorioso/ O cordão umbilical/ Faz dele, parte da mãe” (2016, p. 8). Abaixo um recorte do resultado final da carreira no referido cordel:

E quem tava no final  
 Conferindo a chegada  
 Logo logo anunciou:  
 -Ganhou a égua emprenhada!  
 Tavam todos boquiabertos...  
 O potro nasceu na estrada

Durante a competição...  
 Ganhou por uma cabeça  
 Não houve contraditório  
 Que nunca ninguém se esqueça!  
 Gritou o Pedro contente  
 Mesmo antes que amadureça

O potrinho é vitorioso  
 O cordão umbilical  
 Faz dele, parte da mãe  
 Na poesia é igual  
 Um fio ligado no Pedro  
 Que lhe deixa surreal (ARTEIRO, 2016, p. 8).

## 2.2 Tinha que ter sido assim

Um dos fatores principais para o êxito do nosso trabalho era ter certeza de que estávamos no caminho certo, sobretudo quanto à forma de escrita escolhida para recontar os casos do Pedro Mentira. Já mencionamos anteriormente que a sextilha, enquanto uma das possibilidades de estruturar o texto do cordel, foi uma opção que se justificou pela simplicidade, enquanto desafio de escrever versos metrificados, e também uma forma de identificação com o sujeito “comum” que era o Pedro Mentira.

O cordel ter funcionado tão bem com os casos do Pedro Mentira foi para nós uma surpresa e também uma certeza, de que tínhamos encontrado o caminho. Nossa surpresa, e certeza, foi ainda maior, quando resolvemos relacionar o personagem Pedro Mentira com o personagem Chicó, que na nossa visão, reúne certas peculiares como a figura do sabido sem estudo, do improvisador, do esperto, que são características de outros personagens da literatura Nordestina, e também do cordel, como João Grilo, Pedro Malasarte e Pedro Quengo. Ainda retomando a sextilha citamos o *Auto da Compadecida*, que embora seja uma obra de teatro, dialoga com os textos da literatura de cordel, inclusive na sua temática pois tem sua inspiração nos romances populares do Nordeste, e é assim que está lá, em sua epígrafe, a sextilha:

Disse o pobre: -"Ele está magro,  
Só tem osso e couro,  
Porém, tratando-se dele,  
Meu cavalo é um tesouro.  
Basta dizer que defeca  
Níquel, prata, cobre e ouro".

*História do Cavalo que Defecava Dinheiro*, romance popular anônimo do Nordeste.  
(SUASSUNA, 2004, p. 17).

Essa história é reproduzida, em parte, na obra de Ariano, na invenção do personagem João Grilo do gato que supostamente defecava dinheiro, uma releitura erudita deste folheto popular.

Uma outra característica do personagem Pedro Mentira é justamente essa convicção de que aquilo que ele conta é verdade. A credibilidade está acima da explicação. Se foi o Pedro Mentira que contou, com toda aquela atitude e riqueza de detalhes, transportando seu leitor para viver junto dele as aventuras que presenciou, ou que ouviu falar, é fato que não há o que questionar. Ou como diria o personagem Chicó, de Suassuna: "só sei que foi assim" (2004, p. 26). Se Chicó (ou mesmo o Pedro Mentira) disse, está dito. O fato ocorrido foi esse, e isso é o que basta saber.

Nessa perspectiva, o fato de trazermos o personagem Pedro Mentira para o papel, tem como âncora a possibilidade que o romance, e também a narrativa do cordel, tem de, através do seu autor/poeta, criar uma realidade que não é apenas informativa, mas que possibilita ao leitor, comunicar-se com ela, conforme afirma Candido na passagem:

De fato, dada a circunstância de ser o criador da realidade que apresenta, o romancista, como o artista em geral, domina-a, delimita-a, mostra-a de modo coerente, e nos comunica esta realidade como um tipo de conhecimento que, em consequência, é muito mais coeso e completo (portanto mais satisfatório) do que o conhecimento fragmentário ou a falta de conhecimento real que nos atormenta nas relações com as pessoas. (CANDIDO, 2011, p. 64).

Transparecer essa confiança e convicção na formatação do personagem Pedro Mentira, através dos folhetos de cordel, era, portanto, um trabalho que tinha, efetivamente, uma ótima possibilidade de concretização, pois a ferramenta literária seria esse espaço de comunicação, mas sobretudo de criação no qual a "verdade" poderia ser inventada, como fazia o Pedro Mentira.

Em se tratando do personagem Pedro Mentira e do personagem Chicó essa "realidade ficcional" é tão presente, que podemos dizer que a história estava lá todo o tempo,

só esperando para ser contada com a devida propriedade, esperando o contador certo. Ou mais, é quase uma inversão, é como se a história encontrasse o seu narrador. Ou ainda mais, é como se o peixe tivesse fígado o pescador. Como conta o personagem Chicó na história do pirarucu, também no *Auto da Compadecida*:

CHICÓ

Foi quando eu estive no Amazonas. Eu tinha amarrado a corda do arpão em redor do corpo, de modo que estava com os braços sem movimento. Quando ferrei o bicho, ele deu um puxavante maior e eu caí no rio.

JOÃO GRILO

O bicho pescou você!...

CHICÓ

Exatamente, João, o bicho me pescou. Para encurtar a história, o pirarucu me arrastou rio acima três dias e três noites.

JOÃO GRILO

Três dias e três noites? E você não sentia fome não, Chicó?

CHICÓ

Fome não, mas era uma vontade de fumar danada [...] (SUASSUNA, 2004, p. 57-58).

Assim como na história de Chicó, o personagem Pedro Mentira foi outro que se envolveu em peripécias com um peixe, pois no caso contado no cordel “A Arca do Pedro Mentira e o Minto do Jaguarú”, ele também foi pescado, só que por uma traíra, que, inclusive, serviu como uma espécie de âncora para o Pedro Mentira e seu cusco, que boiavam em cima de uma mesa, em plena enxurrada, durante uma enchente. Se não fosse a traíra-âncora o Pedro Mentira certamente teria se perdido da sua família, e da Arca que havia construído, para repovoar o pampa depois do alagamento:

Ide lá ô esquecimento!  
 Voltou pra pegar o cusco  
 Que preso no seu vai-e-vem  
 A água agora no busto...  
 Do cão boiava só o rabo  
 Foi respirando de susto

Que ele vai ressuscitando  
 Na rapidez descuidada  
 Foi arrastando corrente  
 Traíra que pouco nada  
 Abocanhou bem na ponta  
 Pra vencer a enxurrada

Noite, chuva, muitos raios  
 Não parava de subir  
 Subir na mesa da sala  
 Era o Pedro e o cusco ali  
 Boiava desgovernada

No telhado foi sair

Ficou esperando a balsa  
 Ancorado na traíra  
 Rio descia campo a fora  
 Das barrancas que saíra  
 Emparelhavam as sangas  
 Olha que não foi mentira! (ARTEIRO, 2015, p. 3).

E antes que alguém pense em perguntar algo sobre como e porquê uma traíra ajudaria o Pedro Mentira e seu cusco nessa aventura, o contador fecha, na última estrofe, último verso, dizendo: “Olha que não foi mentira!”. O Pedro Mentira tinha certeza que “tinha sido assim”. Nesse sentido, se pensarmos bem, há uma carga bastante semelhante ao “Só sei que foi assim” do personagem Chicó, ou seja, o que ambos dizem é que o fato se passou desse jeito, não há nenhum tipo de invenção, a “mentira” toma um caráter factual.

### 2.3 Só fazia imaginar

O Pedro era um homem dividido, talvez por isso a população de Arroio Grande, que o conheceu, tenha lhe batizado de “Mentira”, Pedro Mentira. Eram dois sujeitos diferentes, um homem de carne, osso e sobrenome, que herdou do pai; e outro sujeito de voz e sobrenome popular. A nossa tarefa foi exatamente construir um terceiro sujeito, um sujeito de papel, de palavra escrita, que retomasse o Pedro Mentira contador.

Esse sujeito duplo vivia fisicamente na fronteira, entre o Brasil e o Uruguai, mas também era habitante de uma outra fronteira, a fronteira entre o real e o imaginário. Em algum momento o Pedro Nunes cruzava a fronteira para ser o Pedro Mentira. E essa fronteira era muito tênue, pois, como dissemos, a convicção com que o Pedro Mentira contava seus causos era tamanha, que seus interlocutores não tinham consciência, de que naquele momento exato, quem estava presente era esse sujeito-personagem, isso só acontecia quando do desfecho da história, diante da surpresa e do riso que ela provocava. Esse entrelaçamento entre real e irreal, entre o Pedro Nunes e o Pedro Mentira transgride as convenções do que temos como verdade e como possível. Candido vai falar sobre essas questões.

[...] um traço irreal pode tornar-se verossímil, conforme a ordenação da matéria e os valores que a norteiam, sobretudo o sistema de convenções adotados pelo escritor;

inversamente os dados mais autênticos podem parecer irrealis e mesmo impossíveis, se a organização não os justificar. Se as coisas impossíveis podem ter mais efeito de veracidade que o material bruto da observação ou do testemunho, é porque a personagem é, basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade. (CANDIDO, 2011, p. 77-78).

O local de travessia desses dois sujeitos era de trânsito fácil, entre a realidade e a irrealidade, a ponto de ninguém perceber o que se passava. É como no “sangrador”, local acondicionado pelo Homem para um deságue de açude, riacho ou arroio, e que serve também como local de passagem, para pessoas e animais, por ocasião da lâmina de água ser de baixa profundidade. Nesse sentido as próprias narrativas dos dois personagens que ora buscamos aproximação, Chicó e Pedro Mentira, contam por si, sobre esse espaço, o sangrador. A começar pelo personagem Chicó quando trata sobre se a assombração de cachorro existe ou não.

PADEIRO

Pode ser que se enterre, mas em assombração de cachorro eu nunca ouvi falar.

CHICÓ

Mas existe. Eu mesmo já encontrei uma.

PADEIRO, *temeroso*

Quando? Onde?

CHICÓ

Na passagem do riacho de Cosme Pinto.

PADEIRO

Tinham me dito que o lugar era assombrado, mas nunca pensei que se tratasse de assombração de cachorro.

CHICÓ

Se o lugar é assombrado, não sei. O que eu sei é que eu ia atravessando o sangrador do açude e me caiu do bolso n'água uma prata de dez tostões. Eu ia com meu cachorro e já estava dando a prata por perdida, quando vi que ele estava assim como quem está cochichando com outro. De repente o cachorro mergulhou e trouxe o dinheiro, mas quando fui verificar só encontrei dois cruzados.

PADEIRO

Oi! E essas almas de lá têm dinheiro trocado?

CHICÓ

Não sei, só sei que foi assim. (SUASSUNA, 2004, p. 65-66).

Da mesma forma encontramos no cordel *O mistério das abóboras que tinham bunda*, a construção da imagem desse lugar de passagem, que aqui utilizamos como metáfora desse deslocamento de um lado para outro, do real ao imaginário e vice-versa, que se apresenta na voz do personagem Pedro Mentira.

- Filinha! Amanhã bem cedo  
Nós dois vamos pra cidade  
Vamos eu e o Soli.  
E chegaremos bem tarde.

(tu não me pergunta nada!)  
Que o guri tá na idade...

E no meio do caminho  
Que corta o Arroio Grande  
Vão cruzar o sangradouro  
Pra desaguar sua glande.  
E eis que tava estendida  
Aquela fera gigante. (ARTEIRO, 2014, p. 7).

Ainda seguindo a lógica da metáfora do sangrador, enquanto local de passagem, o texto remete à fase de transição do filho do Pedro Mentira, o Soli, da fase da adolescência para a “madureza”. Ele acompanha o pai até a cidade, para “perder” a virgindade. Essa fera da vida adulta, o Jacaré, o espera neste local de transição, e sua morte (do Jacaré), com o pescoço cortado é a figura do menino que rompeu o “cabaço” ou cabresto, palavra utilizada para amedrontar os meninos quanto ao suposto rompimento do prepúcio na primeira relação sexual, algo totalmente inusitado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Está escrito no cordel *As ardeirices do Pedro Mentira na Unipampa - Que viraram TCC*, um verso que diz: “Eis o fim do começo”, se referindo ao desejo do personagem Pedro Mentira de estar em nossa cerimônia de formatura. Esse verso marca um final de um ciclo, o da graduação, e de um trabalho que envolveu boa parte de nossa trajetória acadêmica, desde o 4º semestre, no sentido de nos apropriarmos do gênero cordel para contar os causos do Pedro Mentira, porém esse não é o fim da história.

A proposta de escrever em forma de folhetos está apenas começando, como fala o verso, finaliza um começo para recomeçarmos novamente, um novo caso, buscando sempre o aprimoramento da escrita do gênero, identificando falhas, buscando uma ligação mais forte com a origem interiorana, marca da identidade desse personagem essencialmente campesino que é o Pedro Mentira.

O conhecimento científico adquirido nesse espaço, que é a Universidade, e que funcionou como chave para a concretização desse trabalho com o gênero, fez com que pudéssemos enxergar o meu avô, não mais como um simples contador de causos, mas como um narrador oral popular e um artista.

E em todo esse processo de realização pessoal, concretização de um sonho de trabalhar com os causos do Pedro, talvez tenhamos dado um retorno para a Universidade, na medida em que, nosso trabalho com o cordel foi, uma ação efetiva dos próprios conteúdos aprendidos no decorrer do Curso de Letras. Afinal de contas, estamos tratando do exercício da escrita (língua portuguesa), e por consequência, já que transitamos pela poesia, uma forma de expressão literária (literatura), e para não fugir do contexto local, pois os causos se dão na região de fronteira, Brasil/Uruguai e, portanto, há um contato com outra língua, temos no próprio texto deste trabalho de conclusão a presença de outro eixo do curso, a língua espanhola, podemos verificar isso, por exemplo, em termos que remetem a essa outra língua, tão familiar, como na expressão “alambrador”, uma das atividades diárias do Pedro Mentira, ou seja, trabalhar na confecção e reparos dos aramados que dividiam as propriedades rurais onde morava.

No sentido pedagógico não fizemos nenhum tipo de análise mais aprofundada, dos impactos desse trabalho num possível exercício futuro da licenciatura, mas o fato de termos, durante o processo de escrita, recitação e cantoria dos cordéis, visitado quase que na totalidade, as escolas do município de Jaguarão, apresentando os folhetos, sempre com uma ótima receptividade por parte da comunidade escolar, nos parece que, talvez, o Pedro Mentira, tenha sim, uma certa veia de professor.

Acreditamos que tenha sido satisfatório o recorte que fizemos para explicar a adequação do gênero cordel como modelo para contar os causos do Pedro Mentira, de forma escrita, pelo viés da origem, estrutura e personagem dos folhetos.

Em nenhum momento tivemos a pretensão de tentar explicar quem era esse sujeito, que contava histórias, e que transcendia ao sujeito de carne e osso Pedro Nunes. Nossa perspectiva foi a de que o personagem Pedro Mentira que construíssemos pudesse ter aproximações com o contador, resgatar as nuances desse personagem que viveu entre os homens, o Pedro Mentira, através da riqueza que o gênero cordel propicia, e de alguma forma atingir o riso e a alma de outras pessoas.

Não poderíamos dar “fim ao começo” de outra forma que não fosse a sextilha. Essa foi construída a partir dos títulos das seis seções deste trabalho de conclusão de curso:

Descoberta do Cordel

O Cordel estruturar

Tem as capas dos folhetos

Ele sabia contar

Tinha que ter sido assim

Só fazia imaginar

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTEIRO. **Arteiro 2014**. Jaguarão, edição do autor, 2014a.

\_\_\_\_\_. **“Se a Caturrita usar bigode, eu acredito...”**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2014b.

\_\_\_\_\_. **O mistério das abóboras que tinham bunda**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2014c.

\_\_\_\_\_. **♪Se te pego, te agarro, e te Mato...♪**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2014d.

\_\_\_\_\_. **Pedro, o inventor da roda - de afiar**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2014e.

\_\_\_\_\_. **Uma mentira do outro mundo**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2015a.

\_\_\_\_\_. **Pedro, o Senhor do Anel**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2015b.

\_\_\_\_\_. **As Cantorinhas do Pedro Mentira**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2015c.

\_\_\_\_\_. **O dia que o Pedro Mentira encontrou o Nêgo Rastilho no Inferno**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2015d.

\_\_\_\_\_. **A Arca do Pedro Mentira e o Minto do Jaguarú**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2015e.

\_\_\_\_\_. **O Grande Prêmio de Cancha Reta do Arroio Grande**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2016a.

\_\_\_\_\_. **Cão que muito se coça é Purgatório**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2016b.

\_\_\_\_\_. **As Profecias do Pedro Mentira para o Fim do Mundo**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2017a.

\_\_\_\_\_. **As Arteirices do Pedro Mentira na Unipampa - Que Viraram TCC**. Cordel. Jaguarão: edição do autor, 2017b.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras Escolhidas. 7 ed, São Paulo: Brasiliense, 1994

CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol, PRADO, Décio de Almeida Prado & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. 12ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

PASCALE, Graziano. **Sangre Inocente - La Muerte de Dionisio Díaz**. 1ª ed. Montevideo: Editorial Planeta S. A., 2016

SANTOS. Idelette Muzart-Fonseca dos. **Memória das Vozes - Cantoria, romanceiro & cordel**. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2006.

SLATER, Candace. **A Vida no Barbante - A Literatura de Cordel no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da Compadecida**. 34ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

ZUMTHOR Paul. **Performance, recepção, leitura**. 17ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.